



# Hiperconectados, mas excluídos: esperança e missão no legado de Papa Francisco, uma leitura teológica da ruptura da comunhão humana na cultura digital

*Hiperconectados, pero excluidos: esperanza y misión en el legado del Papa Francisco, una lectura teológica de la ruptura de la comunión humana en la cultura digital*

*Hyperconnected, yet excluded: hope and mission in the legacy of Pope Francis, a Theological reading of the rupture of human communion in digital culture*

Eliane Costa Santana<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa o paradoxo contemporâneo de uma sociedade hiperconectada e, ao mesmo tempo, profundamente excludente, na qual a exclusão digital ultrapassa o âmbito tecnológico e aprofunda rupturas sociais, culturais e comunitárias. À luz de João 17,20-23, especialmente da oração de Jesus pela unidade, a reflexão compreende a comunhão como critério teológico e missionário, hoje confrontado por dinâmicas de polarização política, social e eclesial intensificadas pelas culturas digitais e pelas lógicas algorítmicas. Em diálogo crítico com o magistério do Papa Francisco — especialmente *Evangelii Gaudium*, *Laudato Si'*, *Fratelli Tutti*, *Querida Amazônia* e *Laudate Deum* — o estudo interpreta a exclusão digital como nova periferia missionária, expressão contemporânea da cultura do descarte e da falsa comunicação. Metodologicamente, articula exegese bíblica, análise sociocultural e ética tecnológica, incorporando dados empíricos sobre a exclusão digital global. Sustenta-se que a resposta cristã não reside no otimismo tecnocrático, mas na esperança cristã, entendida como força histórica, escatológica e transformadora. Conclui-se que o legado missionário de Francisco propõe uma Igreja em saída, sinodal e profética, capaz de reconstruir a comunhão humana por meio do diálogo, da inclusão digital crítica e do cuidado com os pobres.

**Palavras-chave:** Missão; Exclusão digital; Comunhão; Esperança; Cultura digital.

**Resumen:** Este artículo analiza la paradoja contemporánea de una sociedad hiperconec-

<sup>1</sup> Doutoranda em Teologia; mestra em Ciência da Computação; especialista em Missiologia e Doutrina Social da Igreja. Assessora da Comissão para Ação Missionária e Cooperação Intereclesial da CNBB. Endereço para contato: [eliane@isj-sp.com.br](mailto:eliane@isj-sp.com.br)

tada y, al mismo tiempo, profundamente excluyente, en la cual la exclusión digital supera el ámbito tecnológico y profundiza rupturas sociales, culturales y comunitarias. A la luz de Juan 17,20–23, especialmente de la oración de Jesús por la unidad, la reflexión comprende la comunión como criterio teológico y misionero, hoy confrontado por dinámicas de polarización política, social y eclesial intensificadas por las culturas digitales y las lógicas algorítmicas. En diálogo crítico con el magisterio del Papa Francisco —en particular *Evangelii Gaudium*, *Laudato Si'*, *Fratelli Tutti*, *Querida Amazonía* y *Laudate Deum*— el estudio interpreta la exclusión digital como una nueva periferia misionera, expresión actual de la cultura del descarte y de la falsa comunicación. Metodológicamente, articula exégesis bíblica, análisis sociocultural y ética tecnológica, incorporando datos empíricos sobre la exclusión digital global. Se sostiene que la respuesta cristiana no reside en el optimismo tecnocrático, sino en la esperanza cristiana, entendida como fuerza histórica, escatológica y transformadora. Se concluye que el legado misionero de Francisco propone una Iglesia en salida, sinodal y profética, capaz de reconstruir la comunión humana mediante el diálogo, la inclusión digital crítica y el cuidado de los pobres.



**Palabras clave:** Misión; Exclusión digital; Comunión; Esperanza; Cultura digital.

**Abstract:** This article analyzes the contemporary paradox of a hyperconnected yet deeply exclusionary society, in which digital exclusion extends beyond the technological sphere and deepens social, cultural, and communal fractures. In light of John 17:20–23, particularly Jesus' prayer for unity, the study understands communion as a theological and missionary criterion, now challenged by political, social, and ecclesial polarization intensified by digital cultures and algorithmic logics. In critical dialogue with the magisterium of Pope Francis — especially *Evangelii Gaudium*, *Laudato Si'*, *Fratelli Tutti*, *Querida Amazonia*, and *Laudate Deum* — the article interprets digital exclusion as a new missionary periphery, a contemporary expression of the culture of discard and false communication. Methodologically, it integrates biblical exegesis, sociocultural analysis, and technological ethics, incorporating empirical data on global digital exclusion. It argues that the Christian response does not lie in technocratic optimism, but in Christian hope, understood as a historical, eschatological, and transformative force. It concludes that Francis' missionary legacy proposes an outgoing, synodal, and prophetic Church capable of rebuilding human communion through dialogue, critical digital inclusion, and care for the poor.

**Keywords:** Mission; Digital exclusion; Communion; Hope; Digital culture.

## 1. Introdução

Vivemos um tempo marcado por um paradoxo que interpela profundamente a missão da Igreja: a humanidade nunca esteve tão conectada pelas redes digitais e, ao mesmo tempo, tão fragmentada nas relações, nos discursos e no sentido de pertença. As tecnologias de comunicação ampliaram significativamente as possibilidades de encontro, mas também favoreceram dinâmicas de polarização, radicalização e exclusão que fragilizam o tecido humano e social (Castells, 2018; Han, 2018). A conectividade, por si só, não gera comunhão; a visibilidade não garante encontro. Tal realidade torna-se ainda mais evidente quando se



considera que, segundo dados recentes da União Internacional de Telecomunicações, cerca de 2,6 bilhões de pessoas no mundo permanecem sem acesso à internet em 2023, evidenciando que a exclusão digital continua sendo uma expressão concreta das desigualdades globais (UIT, 2023).

Diante desse cenário, a missão cristã é chamada a discernir sua presença. Como evangelizar em um mundo conectado que não se encontra? Como anunciar o Evangelho sem reproduzir as lógicas de competição, performance e invisibilização que marcam o ambiente digital? Trata-se de um desafio profundamente pastoral e teológico, pois toca a credibilidade do testemunho cristão em tempos de divisões e antagonismos.

À luz do legado missionário do Papa Francisco, somos convidados a redescobrir o essencial. Seu magistério insiste em uma Igreja em saída, de portas abertas, sinodal e comprometida com a cultura do encontro (Francisco, 2013; 220). Ele nos alerta para os riscos de uma comunicação que aproxima superficialmente, mas distancia no coração, e nos chama a reconstruir vínculos verdadeiros, especialmente em contextos marcados pela polarização social e eclesial.

Fundamentada na *missio Dei* (Bosch, 2012) e iluminada pela oração de Jesus, “para que todos sejam um” (Jo 17,21); a missão é compreendida como participação no amor de Deus que cria comunhão. Evangelizar é tornar presente esse amor por meio da proximidade, da escuta e da misericórdia, superando tanto a lógica da exclusão quanto a superficialidade das interações.

Assim, sustenta-se que a missão no ambiente digital não pode ser reduzida a estratégia ou presença funcional. Trata-se de um chamado à reconstrução do “nós”, especialmente nas periferias onde a exclusão se torna mais visível (Sassen, 2016). Em um mundo conectado que não se encontra, a Igreja é chamada a ser espaço de acolhida, escuta e encontro. Evangelizar é, antes de tudo, reconstruir relações e testemunhar, com esperança, que a fraternidade continua possível.

## 2. Conectividade sem comunhão

A cultura digital tornou-se um dos espaços mais decisivos da experiência humana contemporânea. Redes sociais e plataformas reorganizam a forma como nos relacionamos, percebemos o mundo e construímos pertença. No entanto, o crescimento da conectividade não foi acompanhado pelo fortalecimento dos vínculos humanos. Ao contrário, vivemos um tempo de aproximação tecnológica e distanciamento relacional.

A chamada sociedade em rede amplia a comunicação e a circulação de informações (Castells, 2018), mas não elimina desigualdades; muitas vezes, as reorganiza. A lógica digital privilegia visibilidade, velocidade e reação imediata. Como observa Byung-Chul Han, o excesso de comunicação não gera necessariamente encontro, mas pode enfraquecer a escuta e a profundidade das relações (Han, 2018). Multiplicam-se as interações, mas nem sempre cresce a comunhão. Diante disso, emerge uma questão missionária central: como anunciar



o Evangelho em um ambiente marcado pela superficialidade e pela aceleração? Se a missão cristã nasce do encontro, do acompanhamento e do cuidado, a fragmentação relacional desafia suas mediações e exige novo discernimento.

As plataformas digitais operam por meio de algoritmos que selecionam conteúdos e reforçam preferências, criando bolhas informacionais (Noble, 2018; O'neil, 2020). Em vez de favorecer o diálogo, frequentemente consolidam visões homogêneas e alimentam a polarização. O conflito, que gera maior engajamento, torna-se funcional à lógica econômica das redes. Nesse contexto, o Papa Francisco adverte que a comunicação digital pode criar uma proximidade ilusória: estamos conectados, mas permanecemos isolados em nossas próprias perspectivas. Em vez de promover o encontro, a comunicação pode intensificar agressividade e desinformação.

Essa realidade também atravessa a vida eclesial. Tensões e divisões podem ser amplificadas pelas redes, reduzindo a missão a disputas de narrativas. Quando isso ocorre, o testemunho cristão perde sua força reconciliadora. Além da polarização, a cultura digital produz novas formas de exclusão. Como aponta Sassen (2016), vivemos processos de expulsão que marginalizam pessoas das dinâmicas sociais. No ambiente digital, isso se manifesta tanto na falta de acesso quanto na invisibilização de vozes. Muitos permanecem desconectados; outros, embora presentes, não conseguem participar de forma crítica e plena.

À luz da tradição latino-americana, as periferias são lugar privilegiado da missão (CELAM, 2007). Hoje, elas incluem também os espaços digitais marcados pela exclusão e pelo silêncio imposto. Evangelizar implica reconhecer essa realidade como questão de justiça e dignidade. Francisco recorda que a Igreja é chamada a ir às periferias geográficas e existenciais (Francisco, 2013, n. 20). Entre elas, estão também os ambientes digitais feridos pela desinformação e pela violência simbólica. A missão não pode ignorar esses espaços, mas é chamada a habitá-los com discernimento, proximidade e cuidado.

Assim, o cenário digital revela uma ambivalência: amplia possibilidades de comunicação, mas também aprofunda fragmentações. A conectividade não substitui a comunhão. Por isso, a missão é chamada a redescobrir seu núcleo mais profundo: a relação. Mais do que ocupar espaços, evangelizar é criar vínculos. Mais do que comunicar, é escutar. Mais do que aparecer, é cuidar.

### 3. Fundamentos Bíblico-Teológicos da missão como encontro

Se o diagnóstico anterior revelou uma cultura marcada pela fragmentação, torna-se necessário retornar às fontes da fé para reencontrar o sentido da missão. A questão não é apenas como comunicar melhor no ambiente digital, mas o que significa, à luz do Evangelho, anunciar em contextos de divisão. Nesse horizonte, a oração de Jesus em João 17 ilumina de forma decisiva: a missão nasce da comunhão e tem como finalidade a unidade.

O prólogo do Evangelho de João afirma que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). A Encarnação revela o modo de agir de Deus: proximidade, presença concreta, parti-



lha da vida humana. Deus não se comunica à distância; aproxima-se, caminha, escuta. Por isso, a missão cristã, como participação na *missio Dei* (Bosch, 2012), não se reduz à transmissão de conteúdos, mas torna visível o amor de Deus na história. Evangelizar é, antes de tudo, estar com, e não apenas falar para.

Essa lógica da Encarnação contrasta com a superficialidade que muitas vezes marca o ambiente digital. Enquanto a cultura da performance privilegia visibilidade e rapidez, o Evangelho convida à presença e ao cuidado. O Papa Francisco retoma essa intuição ao propor uma Igreja em saída, que se aproxima das periferias e toca a realidade concreta das pessoas (Francisco, 2013, n. 20–24). A missão como encontro descobre, assim, seu fundamento no mistério da Encarnação.

Em João 17, Jesus amplia sua oração para além dos discípulos imediatos: “não rogo somente por eles, mas por aqueles que hão de crer” (Jo 17,20). Trata-se de uma oração profundamente missionária. O centro da súplica é a unidade: “para que todos sejam um [...] para que o mundo creia” (Jo 17,21). Como destaca Brown, essa unidade não é apenas organizacional, mas participação na comunhão entre o Pai e o Filho (Brown, 2003, p. 322–325). A comunhão é, portanto, origem e critério da missão.

No ambiente digital contemporâneo, essa ruptura da comunhão torna-se particularmente visível. As dinâmicas de polarização, isolamento e fragmentação desafiam diretamente o testemunho cristão, pois onde os vínculos se rompem, a credibilidade do anúncio é fragilizada. Assim, a unidade pedida por Jesus não pode ser compreendida apenas como ideal espiritual, mas como exigência concreta para a missão em uma cultura marcada pela divisão.

Em tempos de polarização, essa verdade ganha força particular. A divisão não é apenas um problema social; ela fere o testemunho cristão. Quando os vínculos se rompem, a missão perde credibilidade. Por isso, Francisco recorda que a fraternidade é condição para uma sociedade reconciliada (Francisco, 2020, n. 94–96). A unidade não elimina diferenças, mas as integra em comunhão.

A teologia da missão reafirma que a Igreja participa da própria missão de Deus (*missio Dei*) (Bosch, 2012). Essa missão nasce da comunhão trinitária e se realiza na história. Como afirma Zizioulas, a pessoa humana só se compreende plenamente na relação: existir é viver em comunhão (Zizioulas, 1985). Quando essa comunhão é ferida, também a dignidade humana é afetada. No ambiente digital, marcado por isolamento e antagonismo, esse desafio torna-se ainda mais evidente.

O Concílio Vaticano II recorda que a Igreja é “sinal e instrumento da unidade de todo o gênero humano” (LG, 1964, n. 1). Essa vocação mantém-se atual: também nas redes digitais, a Igreja é chamada a ser presença que une, e não que divide. Por isso, a missão assume um rosto profundamente relacional. A oração de Jesus revela que evangelizar é também escutar, confiar e caminhar juntos. A sinodalidade, tão enfatizada por Francisco, traduz essa dinâmica: escutar antes de falar, acolher antes de julgar, discernir juntos. Em um ambiente digital marcado por respostas rápidas e reações impulsivas, essa atitude torna-se testemunho profético.



O Dicastério para a Comunicação (2023) recorda que as redes podem ser espaços de encontro quando habitadas com autenticidade e responsabilidade. A missão digital, portanto, não se limita à produção de conteúdos, mas busca gerar processos de diálogo e inclusão. Nesse caminho, a esperança ocupa lugar central. A unidade pedida por Jesus aponta para um horizonte que ainda se constrói. Como lembra Moltmann, a esperança cristã não ignora os conflitos, mas orienta a história em direção à comunhão (Moltmann, 2005). Em um mundo conectado que não se encontra, essa esperança sustenta a missão como reconstrução do “nós”. Assim, os fundamentos bíblico-teológicos da missão revelam que evangelizar não é apenas comunicar, mas gerar comunhão. À luz de João 17, a missão é chamada a tornar visível, nas relações concretas, a unidade que nasce de Deus e se realiza no encontro com os irmãos.



#### 4. O legado missionário de Francisco: proximidade em tempos de antagonismo

Se João 17 nos oferece o fundamento da missão como comunhão, o magistério do Papa Francisco nos ajuda a compreender como viver essa verdade no contexto concreto do nosso tempo, marcado por divisões, polarizações e rupturas. Seu legado missionário não se limita a ensinamentos teóricos, mas se expressa em gestos, escolhas pastorais e um modo de presença que revela proximidade, misericórdia e abertura ao diálogo. Em meio a antagonismos crescentes, hoje amplificados pelas redes digitais, Francisco propõe uma Igreja que não se fecha em si mesma nem se deixa capturar por disputas ideológicas, mas que se coloca a caminho como presença reconciliadora.

Desde o início de seu pontificado, Francisco convida a Igreja a ser “Igreja em saída” (EG, n. 20–24). Esse chamado não se refere apenas a um deslocamento geográfico, mas a uma conversão pastoral profunda. Sair significa abandonar a autorreferencialidade e aproximar-se das periferias. No contexto digital contemporâneo, essa dinâmica se manifesta de modo particular nas redes sociais, onde a busca por visibilidade, reconhecimento e influência pode levar a Igreja a reproduzir lógicas de competição e exposição. Nesse sentido, o chamado à saída não é para ocupar espaços digitais, mas para transformar a qualidade das relações que ali se constroem.

Nesse horizonte, a cultura do encontro emerge como uma das contribuições mais significativas do magistério de Francisco. Em *Fratelli Tutti*, o Papa denuncia uma forma de comunicação que cria a ilusão de proximidade, mas aprofunda divisões e hostilidades (FT, 2020, n. 42–45). Essa dinâmica manifesta-se de modo evidente nas redes sociais, onde algoritmos tendem a reforçar visões homogêneas, intensificar polarizações e transformar o outro em adversário. A comunicação on-line, muitas vezes marcada por reações rápidas e discursos agressivos, fragiliza a escuta e impede o verdadeiro encontro.

A cultura do encontro, ao contrário, exige disposição para acolher, dialogar e reconhecer a dignidade de cada pessoa. Em ambientes digitais marcados por bolhas informacionais, essa proposta torna-se profundamente missionária. Evangelizar, nesse contexto, não é vencer debates virtuais nem acumular seguidores, mas construir pon-



tes, favorecer o diálogo e testemunhar relações que geram vida. Outro eixo central do legado de Francisco é a sinodalidade. Caminhar juntos significa reconhecer que todos são chamados a participar da vida e da missão da Igreja. A sinodalidade não é apenas um método organizativo, mas uma espiritualidade que coloca a escuta no centro: escutar Deus, escutar o povo, escutar a realidade.

No ambiente digital, marcado pela rapidez das respostas, pela lógica do comentário imediato e pela superficialidade das interações, a sinodalidade se apresenta como caminho contracultural. Ela nos convida a desacelerar a comunicação, a criar espaços de escuta real e a valorizar processos de discernimento. Em vez de reagir impulsivamente, a missão digital é chamada a escutar profundamente. Evangelizar, nesse sentido, não é apenas publicar conteúdos, mas gerar processos de encontro e comunhão.

O Dicastério para a Comunicação recorda que as redes sociais podem tornar-se espaços de encontro quando são habitadas com autenticidade, responsabilidade e coerência (Dicastério para a Comunicação, 2023). Essa orientação reforça que a presença cristã no ambiente digital não pode ser reduzida à produção de conteúdos religiosos ou à busca por engajamento. Trata-se de cultivar relações que expressem o estilo do Evangelho, mesmo em ambientes marcados pela lógica algorítmica da visibilidade.

Nesse ponto, torna-se fundamental reconhecer um risco presente também na ação eclesial: a tentação de transformar a missão em performance. A lógica das plataformas digitais, centrada em métricas como curtidas, compartilhamentos e alcance, pode influenciar profundamente a forma como a Igreja comunica sua mensagem. Quando isso ocorre, corre-se o risco de reduzir o anúncio a uma disputa por atenção, esvaziando sua dimensão de testemunho.

Francisco alerta para um mundanismo espiritual, que busca reconhecimento e prestígio em vez de fidelidade ao Evangelho (EG, n. 207). No contexto digital, essa advertência torna-se ainda mais atual. Evangelizar sem performar significa resistir à lógica do algoritmo como critério de valor. Significa anunciar sem competir, comunicar sem excluir, testemunhar sem buscar protagonismo. A missão, nesse sentido, recupera sua dimensão mais profunda: ser presença que cuida, que acompanha e que sustenta relações.

Essa perspectiva ganha ainda mais força quando consideramos a centralidade dos pobres no magistério de Francisco. A opção preferencial pelos pobres (EG, 2013, n. 198–201) nos conduz hoje a reconhecer também as periferias digitais. Não se trata apenas daqueles que não têm acesso à internet, mas também daqueles que são invisibilizados pelos algoritmos, silenciados nos debates on-line ou excluídos dos espaços de participação. A exclusão digital, portanto, assume uma dimensão estrutural. Muitos estão presentes nas redes, mas não são ouvidos. Evangelizar nesse contexto significa tornar visíveis os invisíveis, dar voz aos silenciados e criar espaços onde todos possam participar de forma digna. Trata-se de uma missão profundamente coerente com o Evangelho e com o magistério de Francisco.

Ao afirmar que “ninguém se salva sozinho” (FT, n. 32), o Papa oferece uma chave decisiva para compreender a missão hoje. Em um mundo hiperconectado, mas fragmentado, a salvação não se realiza na lógica individualista das redes, mas na reconstrução do “nós”. A



missão digital, portanto, não pode reforçar bolhas, mas deve romper isolamentos e criar comunhão. O legado missionário de Francisco é profundamente marcado pela esperança. Não uma esperança ingênua, mas uma esperança ativa, que acredita na possibilidade de transformação mesmo em contextos adversos. No ambiente digital, essa esperança se expressa quando a Igreja escolhe dialogar em vez de confrontar, escutar em vez de reagir, incluir em vez de excluir.

O magistério de Francisco ilumina a missão em um mundo conectado que não se encontra. Ele nos convida a habitar também o ambiente digital com um estilo diferente: mais humano, mais próximo, mais atento ao outro. A missão, nesse horizonte, deixa de ser estratégia e se torna presença, presença que escuta, que acolhe, que reconstrói vínculos e que testemunha, com simplicidade e firmeza, que a comunhão continua possível, mesmo em meio às fragmentações da cultura digital.



## 5. Missão como escuta e reconstrução do tecido humano

Se a cultura digital revela um mundo intensamente conectado, mas profundamente fragmentado, a missão da Igreja é chamada a responder não apenas com palavras, mas com um modo de presença que reconstrua vínculos. Mais do que adaptar conteúdo ou ocupar espaços, trata-se de cuidar das relações. Em um tempo em que muitos falam, mas poucos escutam, a escuta torna-se um dos gestos mais urgentes e profundamente missionários.

A tradição bíblica nos lembra que tudo começa pela escuta: “Escuta, Israel” (Dt 6,4). Escutar é abrir espaço para o outro, reconhecer sua dignidade, acolher sua história. No contexto atual, marcado pela velocidade das interações e pela lógica da resposta imediata, escutar torna-se um ato contracultural. Como observa Byung-Chul Han, a comunicação digital tende a favorecer a exposição e a reatividade, reduzindo a capacidade de atenção e de acolhimento do outro (Han, 2018). Por isso, a missão hoje exige recuperar o tempo da escuta, da presença e do cuidado.

Evangelizar, nesse horizonte, não é apenas transmitir uma mensagem, mas criar espaços nos quais as pessoas possam ser ouvidas, reconhecidas e acompanhadas. A escuta torna-se caminho de encontro e de discernimento. Não se trata de estratégia, mas de atitude evangélica. Como lembra o Papa Francisco, uma Igreja sinodal é, antes de tudo, uma Igreja que escuta. Escuta Deus, escuta o povo, escuta a realidade. Essa escuta abre caminho para algo maior: a reconstrução do “nós”. A fragmentação contemporânea não destrói apenas consensos; ela fragiliza o sentido de pertença. Muitos vivem conectados, mas sem vínculos reais, sem espaços de acolhida, sem experiências de comunidade. Saskia Sassen descreve esse fenômeno como processos de exclusão e expulsão que tiram pessoas das dinâmicas sociais (Sassen, 2016). No ambiente digital, isso se expressa tanto na ausência quanto no silêncio imposto a muitos.

A missão assume um caráter profundamente relacional. Reconstruir o tecido humano significa favorecer experiências de encontro, promover vínculos e criar espaços onde as diferenças possam conviver sem gerar exclusão. A cultura do encontro, proposta por Francisco



(EG, n. 220), torna-se aqui um caminho concreto. Não basta estar presente nas redes; é preciso gerar relações que humanizem. Nesse processo, a alfabetização digital crítica emerge como dimensão essencial da ação missionária. Evangelizar hoje implica também ajudar as pessoas a compreenderem o ambiente em que vivem. Isso inclui reconhecer os mecanismos que produzem desinformação, polarização e manipulação. Como alertam O'Neil (2020) e Noble (2018), os algoritmos não são neutros; eles influenciam o que vemos, pensamos e compartilhamos.

Promover uma presença cristã no ambiente digital passa, portanto, por formar consciências. Trata-se de capacitar comunidades para um uso mais livre, responsável e ético das tecnologias. Essa formação não é apenas técnica, mas também espiritual: ajuda a discernir o que constrói comunhão e o que gera divisão. Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer e assumir as periferias digitais como espaço missionário. Muitos permanecem excluídos, invisíveis ou marginalizados nas redes. Francisco insiste que a Igreja deve ir às periferias, não como quem leva respostas prontas, mas como quem se aproxima com humildade e disposição para aprender (EG, 2013, n. 20). No ambiente digital, isso significa dar voz aos silenciados, criar espaços de participação e promover inclusão real.

Outro aspecto fundamental é o discernimento da presença. A lógica das redes valoriza números, alcance e engajamento. No entanto, a missão não pode ser medida apenas por esses critérios. Existe o risco de transformar o anúncio em performance, buscando visibilidade em vez de fidelidade. Francisco alerta para essa tentação ao denunciar o mundanismo espiritual que busca prestígio e reconhecimento (EG, n. 207). Evangelizar sem performar significa recolocar o centro da missão nas relações. Mais importante que quantos veem é como se encontra; mais relevante que quantos seguem é como se cuida. A presença missionária precisa ser coerente com o estilo de Jesus: próxima, discreta, fiel, comprometida com a vida concreta das pessoas.

É importante recordar que a reconstrução do tecido humano não é tarefa imediata nem simples. Ela exige paciência, perseverança e esperança. Em um mundo marcado por rupturas, cada gesto de escuta, cada experiência de encontro, cada relação reconstruída torna-se sinal do Reino. Assim, a missão no ambiente digital não pode ser reduzida a comunicação de conteúdo. É chamada a ser presença que escuta, proximidade que acolhe e ação que reconstrói vínculos. Em um mundo conectado que não se encontra, evangelizar é, antes de tudo, criar condições para que o encontro volte a acontecer.

## 6. Esperança e comunhão: horizonte escatológico da missão digital

Depois de reconhecer as ambivalências da cultura digital e de redescobrir a missão como presença, escuta e reconstrução de vínculos, torna-se necessário olhar para o horizonte que sustenta e orienta essa caminhada: a esperança. Em um mundo conectado, mas marcado por divisões e exclusões, a missão da Igreja não pode apoiar-se apenas em estratégias ou metodologias. Ela nasce e se sustenta na esperança cristã, que não foge da realidade, mas a transforma a partir de dentro.

Vivemos um tempo em que a tecnologia promete soluções rápidas e eficazes para os problemas humanos. No entanto, essa promessa muitas vezes se revela insuficiente diante das feridas profundas da humanidade. O Papa Francisco adverte para o risco de um paradigma tecnocrático que absolutiza a técnica e obscurece a centralidade da pessoa humana (LS, n. 106–114). Em *Laudate Deum*, ele reforça que não basta confiar no progresso tecnológico; é necessária uma conversão que envolva atitudes, relações e responsabilidades. Nesse contexto, a esperança cristã se distingue tanto do otimismo ingênuo quanto do pessimismo paralisante. Ela não ignora os conflitos, mas também não se deixa aprisionar por eles. Como recorda Jürgen Moltmann (2005), a esperança é força que impulsiona a história em direção ao futuro de Deus. Trata-se de uma esperança ativa, que sustenta o compromisso com a transformação do presente.

À luz do Evangelho, essa esperança se concretiza na comunhão. A oração de Jesus em João 17 continua ressoando: “para que todos sejam um” (Jo 17,21). Essa unidade não é apenas um ideal distante, mas uma realidade que começa a ser construída na história, nas relações concretas, nos pequenos gestos de reconciliação. Em um mundo marcado pela polarização, cada experiência de encontro torna-se sinal dessa esperança.

No ambiente digital contemporâneo, essa esperança se torna particularmente desafiadora e, ao mesmo tempo, necessária. Em espaços frequentemente marcados por discursos de ódio, desinformação e polarização, a esperança cristã se expressa quando a comunicação se torna lugar de cuidado, quando o diálogo substitui a agressividade e quando a escuta rompe o isolamento produzido pelas bolhas digitais. Assim, cada interação que promove dignidade, cada presença que acolhe e cada palavra que reconstrói vínculos tornam-se sinais concretos de esperança no interior da cultura digital.

A Igreja, como recorda o Concílio Vaticano II, é chamada a ser “sinal e instrumento da unidade de todo o gênero humano” (LG, n. 1). Essa vocação não se limita aos espaços presenciais, mas se estende também ao ambiente digital, onde tantas relações são construídas e, ao mesmo tempo, tantas são feridas. A missão digital, portanto, não é um campo à parte, mas expressão concreta da missão universal da Igreja.

O Papa Francisco insiste que a fraternidade é possível, mesmo em contextos marcados por conflitos e divisões (EG, n. 94–96). Essa convicção sustenta a ação missionária como testemunho de reconciliação. Em vez de reforçar fronteiras, a missão é chamada a construir pontes; em vez de alimentar antagonismos, a promover o encontro. Nesse sentido, a esperança cristã não permanece no plano abstrato. Ela se torna visível em práticas concretas: na escuta que acolhe, na palavra que respeita, na presença que acompanha, na inclusão que restitui dignidade. No ambiente digital, isso se traduz em escolhas cotidianas: comunicar com responsabilidade, resistir à lógica da polarização, favorecer espaços de diálogo e promover uma presença que humanize as redes.

Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer que a reconstrução da comunhão é um processo. Em um ambiente digital marcado pela rapidez e pela imediatividade, a missão exige paciência, perseverança e fidelidade. Nem sempre os frutos são visíveis, nem sempre o encontro acontece de forma plena. Ainda assim, a esperança sustenta o caminho. A missão digital, assim compreendida, deixa de ser mera adaptação às novas tecnologias e se torna



participação no agir de Deus na história. Não se trata de dominar ferramentas, mas de habitar relações; não se trata de ampliar visibilidade, mas de gerar comunhão.

Em um mundo conectado que não se encontra, a esperança cristã se torna testemunho. Ela afirma que a fraternidade é possível, que o diálogo pode superar a divisão e que o encontro pode vencer a indiferença. A missão da Igreja, inspirada pelo legado de Francisco, é tornar visível essa esperança. Assim, a presença cristã no ambiente digital é chamada a ser sinal do Reino: um espaço onde o outro não é descartado, mas acolhido; onde a diferença não gera exclusão, mas diálogo; onde a comunicação não fere, mas aproxima. Evangelizar, nesse horizonte, é colaborar para que a comunhão se torne realidade concreta, mesmo em meio às fragilidades do nosso tempo.



## 7. Conclusão

O percurso desenvolvido ao longo deste artigo partiu de um diagnóstico inquietante: vivemos em um mundo amplamente conectado por tecnologias digitais, mas profundamente marcado por fragmentações, polarizações e novas formas de exclusão. A conectividade técnica não garantiu comunhão; a visibilidade não assegurou encontro; a multiplicação de vozes não produziu, necessariamente, escuta mútua. Nesse cenário, a missão da Igreja é interpelada a discernir seu modo de presença.

O primeiro movimento consistiu em reconhecer as ambivalências da cultura digital. A sociedade em rede reorganiza relações e amplia possibilidades de comunicação (Castells, 2018), mas também favorece bolhas informacionais, radicalizações e invisibilizações (Han, 2018; O'neil, 2020). A exclusão digital, longe de ser problema periférico, constitui nova fronteira missionária, pois compromete a participação social e a dignidade de sujeitos e comunidades (Sassen, 2016). Evangelizar, nesse contexto, exige consciência crítica das mediações tecnológicas.

O segundo movimento conduziu ao fundamento bíblico-teológico da missão como encontro. À luz da Encarnação e da oração sacerdotal de Jesus em João 17, compreendeu-se que a unidade constitui critério de credibilidade do anúncio: “para que todos sejam um [...] para que o mundo creia” (Jo 17,21). A missão nasce da comunhão trinitária e participa do dinamismo da *missio Dei* (Bosch, 2012). A fragmentação contemporânea, portanto, não é apenas desafio sociológico, mas questão teológica que atinge o coração do testemunho cristão.

O terceiro movimento analisou o legado missionário do Papa Francisco como resposta profética aos antagonismos atuais. Sua proposta de Igreja em saída (EG, 24), cultura do encontro e fraternidade universal (FT, n. 1) oferece critérios concretos para habitar a cultura digital sem reproduzir suas lógicas de exclusão e performance. A sinodalidade emerge como método missionário que privilegia escuta, participação e discernimento comunitário. Em tempos de polarização, tal perspectiva desloca a missão da disputa por narrativas para o testemunho da proximidade.

O quarto movimento explicitou a missão como escuta e reconstrução do tecido humano. Evangelizar não é competir por atenção, mas cuidar das relações; não é ampliar métricas, mas favorecer processos de comunhão. A alfabetização digital crítica, a inclusão das periferias tecnológicas e a promoção de práticas comunicacionais éticas tornam-se dimensões concretas da responsabilidade missionária. Reconstruir o “nós” é tarefa espiritual e histórica.

Por fim, o horizonte escatológico da esperança iluminou a missão digital como antecipação do Reino. A unidade pedida por Jesus permanece promessa e tarefa. A esperança cristã, longe de ingenuidade tecnológica ou resignação pessimista, sustenta a ação histórica orientada à comunhão (Moltmann, 2005). Em um mundo conectado que não se encontra, testemunhar fraternidade torna-se gesto profético.

Conclui-se que a missão em contextos digitais não pode ser reduzida à adaptação estratégica ou à presença instrumental nas redes. Trata-se de assumir, à luz do legado missionário de Francisco, um estilo de presença encarnada, proximidade misericordiosa e escuta sinodal. Evangelizar é humanizar; comunicar é aproximar; participar é reconstruir vínculos. Assim, em meio às polarizações contemporâneas, a Igreja é chamada a ser sinal e instrumento de comunhão (LG, n. 1), inclusive nos ambientes digitais. A missão digital, quando orientada pela esperança e pela fraternidade, torna-se espaço de reencontro e antecipação da unidade prometida. Em um mundo conectado que não se encontra, a proximidade torna-se anúncio; a escuta, evangelização; a comunhão, testemunho.

## 8. Referências

BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

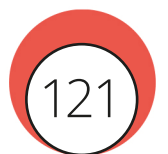
BROWN, Raymond E. **O Evangelho segundo**. São Paulo: Paulus Editora, 2020.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

CELAM. **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. **Lumen Gentium: constituição dogmática sobre a Igreja**. Vaticano, 1964. Disponível: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html). Acesso em: 21 fev. 2026.

DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. **Towards Full Presence: reflexão pastoral sobre o engajamento nas redes sociais**. Vaticano, 2023. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/dicasteries/communication/documents/rc\\_dpc\\_20230528\\_towards-full-presence\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/dicasteries/communication/documents/rc_dpc_20230528_towards-full-presence_po.html). Acesso em: 21 fev. 2026.





FRANCISCO. ***Evangelii Gaudium: exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.*** Vaticano, 2013. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html). Acesso em: 21 fev. 2026.

FRANCISCO. ***Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum.*** Vaticano, 2015. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20150524_enciclica-laudato-si.html). Acesso em: 21 fev. 2026.

FRANCISCO. ***Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social.*** Vaticano, 2020. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em: 21 fev. 2026.

FRANCISCO. ***Laudate Deum: exortação apostólica sobre a crise climática.*** Vaticano, 2023. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html). Acesso em: 21 fev. 2026.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital.** Petrópolis: Vozes, 2018.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã.** São Paulo: Loyola, 2005.

NOBLE, Safiya Umoja. **Algoritmos da opressão: como o Google fomenta e lucra com o racismo.** Santo André - SP: Editora Rua do Sabão, 2021. Edição do Kindle.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa: como o Big Data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia.** Rio de Janeiro: Alta Books, 2020. Edição do Kindle.

SASSEN, Saskia. **Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global.** São Paulo: Paz & Terra, 2016.

UNIÃO INTERNACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES (UIT). **Facts and figures 2023: measuring digital development.** Genebra: ITU, 2023. Disponível em: <https://www.itu.int/itu-d/reports/statistics/facts-figures-2023/>. Acesso em: 21 fev. 2026.

Recebido 16 de abril de 2026

Aceito: 03 de maio de 2026.